

Veja
17/12/97 53-54
Amazônia

Ambiente

Fora da lei

Relatório do Congresso aponta novos crimes das madeireiras estrangeiras na Amazônia

Esdras Paiva e Thomas Traumann

A atuação das madeireiras estrangeiras na Amazônia já foi investigada por organizações não-governamentais do Brasil e do exterior, fiscais do Ibama e até pelos arapongas da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Mas nenhuma radiografia da devastação da floresta é tão impressionante quanto o relatório divulgado na semana passada por uma comissão especial da Câmara Federal. De acordo com o documento, um calhamaço de 120 páginas que levou dez meses para ficar pronto, das treze madeireiras multinacionais em atividade na Amazônia, doze já foram flagradas em operações ilegais pelos fiscais do Ibama, o órgão federal responsável pela proteção ao meio ambiente. Apenas a madeireira japonesa Eidai, pertencente ao grupo Mitsubishi, sofreu 71 autos de infração nos últimos dois anos. A Maginco, da Malásia, foi multada outras 35 vezes no mesmo período.

Toras estocadas no Pará: planos de manejo de fachada para justificar a produção

Quatro dessas empresas estrangeiras derrubam árvores em reservas indígenas, uma dupla ilegalidade feita por meio de suborno

aos chefes das tribos. Apesar de todas essas falcaturas, as madeireiras continuam funcionando normalmente. "É um escândalo", diz o relator da comissão, deputado Gilney Viana (PT-MT). "É como se descobrissemos que montadoras fabricassem automóveis com peças roubadas sem que ninguém no governo tomasse providências."

As revelações contidas no relatório do Congresso são surpreendentes porque não se referem a empresas de fundo de quintal. São todas companhias autorizadas a funcionar pelo governo federal.

O que diz o relatório do Congresso

- Das treze madeireiras estrangeiras em atividade na Amazônia, doze foram multadas por operações ilegais**
- 72 áreas indígenas estão invadidas por madeireiras**
- Em seis anos, o Brasil multiplicou por quatro a exportação de madeira tropical**
- 88% de todos os assentamentos federais para reforma agrária feitos nos últimos anos estão na Amazônia**

com inscrição na Receita Federal, no INSS e no Ministério do Trabalho. São também empresas conhecidas pela voracidade com que já destruíram florestas inteiras em outros países. Entre elas estão gigantes como a malaia Rimbunan Hijau, que tem um patrimônio estimado de 2.5 bilhões de dólares e serrarias na China, Papua Nova Guiné e Nova Zelândia. Em abril deste ano, a Rimbunan Hijau desembarcou no Pará para comprar três empresas em dificuldade por menos de 30 milhões de dólares. Juntas, as três madeireiras exploram quase 54 000 hectares de florestas de mogno e virola, duas das mais valiosas madeiras da Amazônia.

Testas-de-ferro — Uma das madeireiras investigadas pela comissão, a WTK da Malásia, comprou, em 1995, uma área de floresta nativa no Estado do Amazonas igual a 40% do tamanho do Estado de Alagoas. Pagou um valor simbólico pela terra: 7 reais. Mais tarde se descobriu que parte da área estava dentro de uma reserva indígena, que, por lei, não pode ser vendida. Os malaios da WTK alegaram que o negócio referente ao território indígena havia sido desfeito e continuaram explorando o restante de seu império amazônico, ainda duas vezes o tamanho do município de São Paulo. Os deputados, no entanto, acharam indícios de que a área indígena continua sendo explorada pela madeireira, por intermédio de testas-de-ferro. Outra empresa, a Cifec, de propriedade do governo comunista da China, produz 15 000 metros cúbicos de madeira por ano. Para conseguir toda essa produção, a madeireira teria de derrubar mais de 1 000 árvores, mas a comissão descobriu que a empresa não

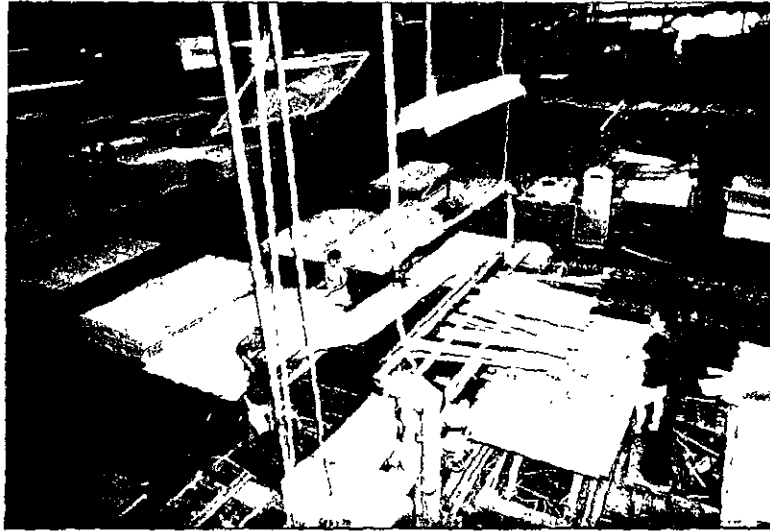


OSCAR CABRAL

Veja
17/12/1977 cont
276

tem um único palmo de mata na Amazônia. Toda sua produção, afirma o relatório, é resultado da exploração clandestina.

O mercado de madeira movimentava cerca de 20 bilhões de dólares por ano no mundo todo e, até a década passada, era sustentado basicamente pelas florestas do Sudeste Asiático. Depois que essas reservas se esgotaram, os grupos estrangeiros se voltaram para a Amazônia — última grande área verde do planeta. Por essa razão, nos últimos seis anos o Brasil passou de 2% para 8% das exportações mundiais. É bobagem, porém, responsabilizar apenas as madeiras estrangeiras pelo crescimento do desmatamento da Amazônia. A comissão do Congresso comprovou que a vinda desses grupos é estimulada pelas próprias autoridades da região. “Fomos convidados pelos governos do Pará e do Amazonas”, contou aos deputados o ministro da Indústria da Malásia, Lin Keng Ayak. “Eles chegaram a nos acenar com ajuda para a compra de madeiras brasileiras em dificuldades, terras a preços baixos e até com o apoio político.”



Linha de produção da WTK: compra de floresta em reserva indígena

isso acontece”, diz o engenheiro florestal Guilherme Carvalho, diretor técnico da Associação dos Exportadores de Madeira do Pará. “Há uma oferta fácil de madeira por parte dos fazendeiros, que derrubam a floresta para criar gado ou ampliar sua área de plantio.”

O relatório da comissão mostra que, entre 1977 e 1996, o governo brasileiro concedeu 1 592 autorizações para o manejo sustentável de áreas da Floresta Amazônica. Essas autorizações, dadas tanto a grupos estrangeiros como a brasileiros, pressupõem que as serrarias extraíam madeira tomando as medidas necessárias para que a cobertura vegetal de uma determinada área se renove após algumas décadas. Na prática, isso não acontece. Números do Ibrama, obtidos pelos deputados, revelam que 70% desses planos não eram cumpridos. “Todo mundo sabe que

dos Deputados também aponta outra razão para os desmatamentos na Amazônia: os assentamentos rurais. Em vez de desapropriar fazendas improdutivas em outras regiões do país para a reforma agrária, o governo prefere fazer assentamentos na franja da floresta, onde as terras são mais baratas. De acordo com o relatório, 88% dos projetos federais nessa área ocorrem na Amazônia, onde foram assentadas quase 400 000 famílias nos últimos trinta anos. Abandonados no meio da mata, sem orientação adequada, esses colonos são hoje os maiores agentes da devastação. ■